



Na terceira reportagem da série sobre a rotina delas durante a crise sanitária, o **Correio** conta histórias de profissionais que atuam em áreas essenciais, não conseguiram trabalhar em home office e, por isso, tiveram de adaptar a rotina para garantir a segurança da família

# Separadas pela linha de frente

» JÉSSICA MOURA

**A**tuar na linha de frente na pandemia da covid-19 envolve não só o enfrentamento a um micro-organismo mortal. Inclui, por consequência, o medo de uma possível contaminação e a preocupação com a família. Para profissionais que trabalham em setores essenciais, o home office não foi uma opção. E, no caso de muitas mulheres, principalmente daquelas com filhos pequenos ou das mães solo, outras questões se somaram às de caráter profissional: com quem deixar as crianças e como mantê-las protegidas do contágio pelo novo coronavírus?

Na terceira reportagem da série especial sobre a vida das mulheres na pandemia, o **Correio** apresenta relatos de quem precisou se virar para garantir a subsistência própria, da família e o emprego, especialmente no front. Profissões ligadas à saúde, como as da área de enfermagem, figuram entre aquelas com mais trabalhadores expostos ao vírus. A chance de infecção é de 97%, segundo estudo publicado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Apesar dos riscos e da tensão, apoio e reconhecimento aliviam o fardo das jornadas exaustivas.

O mesmo estudo estima que o risco para rodoviários é de 70%. Considerados integrantes de um serviço essencial, os trabalhadores dessa categoria não interromperam as atividades. É o caso da cobradora Kátilla Martins, 28. Mãe solo de três crianças — de 2, 3 e 4 anos —, ela se viu encurralada quando as creches fecharam. “Foi bem conturbado. Quase ninguém queria olhar os meninos por causa da minha profissão, que era da linha de frente”, desabafa.

No entanto, parar de trabalhar estava fora de questão, pela necessidade de sobrevivência dela e das crianças. Por fim, uma vizinha aceitou ficar com os dois meninos mais velhos. A filha caçula foi para a casa dos avós, em uma chácara de Águas Lindas (GO). No início da crise sanitária, Kátilla costumava ver os três filhos nos fins de semana. Contudo, se tivesse contato com alguém que tivesse testado positivo ou com sintomas de resfriado, cancelava as visitas. “Como tínhamos de redobrar os cuidados, eu passava meses sem vê-los. Chorava sempre. Todos os dias, fazíamos uma videochamada”, relata.

A jornada dentro do ônibus era de oito horas diárias, rodando pelas vias das W3 Sul e Norte, além de Samambaia. Antes de iniciar o expediente, ela mesma higienizava a cadeira e demais itens de uso no trabalho, abria janelas para aumentar a circulação de ar no transporte e, depois, exigia que os passageiros usassem máscara. “Nem todo mundo respeitava. Uma vez, um homem entrou com ela abaixada e falando no telefone. Deixei-o subir. Ele sentou atrás de mim e abaixou a máscara de novo. Falei que, se ele não conseguisse (manter a máscara sobre o nariz e a boca), deveria descer e esperar o próximo coletivo”, relata.

Após a reprimenda, ele ameaçou Kátilla, mas os passageiros intervieram para evitar o pior. Depois, ela recebeu elogios pela atitude. “No início, eu ficava assustada quando alguém fechava as janelas. Tive muita ansiedade dentro do ônibus”, desabafa. O alívio só chegou depois da vacinação da categoria, em junho, após paralisações da categoria para cobrar a inclusão



Fotos: Arquivo Pessoal



**(...) quando chego da rua, deixo o coturno do lado de fora, tiro a roupa em casa, e meu marido traz uma toalha para mim. Vou direto para o banho, pelo medo de levar o vírus para a família”**

**Karoline Lima, bombeira civil**

entre as prioridades. “Fiquei muito feliz. Foi uma conquista muito trabalhosa. Minha família toda ficava preocupada. Quando tomei a dose, mandei

vídeo para todo mundo. Foi uma festa”, comenta a cobradora, que conseguiu ficar mais perto dos filhos desde a reabertura das creches.



**Como tínhamos de redobrar os cuidados, eu passava meses sem vê-los (os filhos). Chorava sempre. Todos os dias, fazíamos uma videochamada”**

**Kátilla Martins, cobradora de ônibus**

## Vínculo

Com a emergência da pandemia, a Secretaria de Saúde do Distrito Federal converteu o Hospital

Regional da Asa Norte (Hran) em unidade de referência para atender pacientes infectados pelo novo coronavírus. Lá, trabalha a enfermeira Kamila\*, 42, que atua há

14 anos na maternidade do hospital. A crise sanitária alterou por completo a realidade do local. “Chegamos a ter os 26 leitos cheios. Os pacientes com (queda de) oxigenação demandam toda a monitorização, inclusive de outros problemas decorrentes da covid-19, como pneumonia”, conta.

O contato com as mães que tinham suspeita ou diagnóstico de covid-19 e os bebês recém-nascidos delas é constante. Em um plantão, Kamila passa até 18 horas no hospital. “Vamos em dupla. Uma enfermeira fica do lado de fora com o carrinho, a outra entra para checar a medicação e não contaminar tudo”, relata. Dessa forma, o desenvolvimento de vínculo com as pacientes é inevitável. “Por mais que a máscara não revele o rosto, para elas, isoladas no quarto, viramos família, pois vemos as necessidades delas. Uma passou mais de um mês conosco, e comemoramos o ‘mesversário’ do bebê. Depois que ela teve alta, até ligou para nos agradecer”, recorda-se.

No fim da jornada, Kamila volta para casa, onde reencontrar o marido e as duas filhas, de 8 e 11 anos. As pequenas ainda não se acostumaram com o trabalho da mãe e perguntam: “Você cuida do pessoal com covid-19?”. A oportunidade para os abraços só surge depois de uma higienização completa e minuciosa.

## Expediente alternado

A bombeira civil Karoline Lima, 29 anos, por vezes, tem de socorrer pessoas infectadas pela covid-19. Por isso, nos primeiros meses da pandemia, acabou infectada. “Nossa categoria continuou a trabalhar normalmente. Nossa rotina é de plantões de 12 por 36 horas. Nesse contato com o público, estamos expostas. A brigada fica na linha de frente. Eu peguei a doença, mas não tive sintomas. Meu marido também teve, com todos os sintomas, e ficou debilitado”, afirma.

Tempo depois, Karoline enfrentou outra situação complicada. Diante da crise instalada, ela e os colegas tiveram o contrato de trabalho suspenso por dois meses. “Ainda teve essa bomba. Comecei a ter uma crise ansiedade, início de depressão pelo fato de estar em casa. Passa muita coisa pela cabeça além da pandemia”, relata. A pressão aumentou quando começaram as demissões em seguida: “Se eu ficasse desempregada, como ficariam as contas, o plano de saúde? O custo de tudo está tão caro. Alteraria demais o orçamento da gente”.

Felizmente, ela e o marido conseguiram manter os respectivos empregos. Sem chance de atuarem via teletrabalho, os dois se revezavam nos plantões e cumpriam o expediente em dias alternados, para conseguirem cuidar do filho, de 3 anos. Por isso, o casal redobrou os cuidados. “(Ando) sempre de máscara e *face shield* (protetor facial de plástico ou acrílico). E, quando chego da rua, deixo o coturno do lado de fora, tiro a roupa em casa, e meu marido traz uma toalha para mim. Vou direto para o banho, pelo medo de levar o vírus para a família”, detalha.

O medo pela família ganhou peso maior em dezembro, quando a mãe dela não resistiu à infecção pela covid-19. “Ficamos o ano (passado) todo sem nos ver. Ela passou as férias aqui antes de ter a doença. Só agora tenho lido melhor com a situação, mas nem visitamos mais meus sogros, que moram perto (em Samambaia). Tem sido uma fase muito difícil”, lamenta.

\*Nome fictício